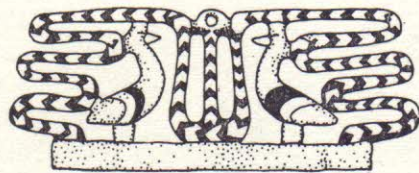


M. VIEGAS GUERREIRO

CONTO E COSTUMES MACONDES

SEPARATA DAS «ACTAS DO CONGRESSO
INTERNACIONAL DE ETNOGRAFIA», PRO-
MOVIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO
TIRSO, DE 10 A 18 DE JULHO DE 1963

VOLUME QUARTO



JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR

LISBOA — 1965

Conto e costumes macondes

por M. VIEGAS GUERREIRO

I

TEXTO E TRADUÇÃO

IMBODI YA KULUMBATANA

Idao muyo andika pa chitanono doni, na wako undikala hapa, kudya-valana mene.

Kanao muyo anditakatuka kuka ku Mwatidi, nannomba nkongwe wake wambone namene. Bai, akaika hapa, panao uninyukanga wako kuchi doni: «Nampanga mbodi iya, nampanga mbodi»; uñunuka ndyagwe

Lakini imbodi yene yo valumbatene chingula namu ntumi. Bai, chingula yo kuva niñou, akanoa ndia ntumi: «Cacho, nkongwe iya atumbwi dachi chikundu! Apa nkongwe iya, hii apa nikandjea lidi,

AMIZADE DE INTERESSE

Se o teu companheiro está longe e tu estás aqui, não vos podeis estimar.

Ora o teu companheiro pegou em si e foi a Muatidi casar-se com uma mulher muito bonita. Bem, quando ele aqui vem, tu comesças a dizer a ti mesmo: «Vou fazer-me amigo dele, vou fazer-me amigo»; gostas da mulher dele.

Era uma amizade assim que tinham entre si o coelho e o leão. Bem, o coelho ficava cheio de inveja, quando via a mulher do leão: «Ah! Que nádegas aquela mulher tem! Se eu falar com ela, às escondidas, e ela

akamwaulia ntwagwe, hanema ukoti nangu iya? Nintandee mwachi nañoo iya?» Bai, animukia liduva ali, kuchi do:

— We, nañolo, apa akava ndyoko havanadananao, kwavenao, kutandana chimbodi?

Ntumi andyaulia:

— Ee, ndyoko akava na dinaño, vanatandana imbodi.

Kuchi do:

— Bai, nangu, wako, ntumi, nakulota imbodi. Tupangane imbodi, witikie wako, ntumi, na nangu, chingula.

Ntumi andyaulia:

— Ee, ndikubalya imbodi na wako u ndyoko.

Bai, andilamulia yo chingua, hau, andyaulia:

— Lakini imbodi yene, tutende ya kulala. Wako ukida ñande mwangu, ulae na ndyangu; ndyangu alae ninguo yake, na wako ulae ninguo yako. Na nangu nikida, kwiñande yako, ndyao alae ninguo yake, na nangu nalaa ninguo yangu. Undigwa, nañolo?

Kuchi do:

— Ee.

disser ao marido, ele não me cortará o pescoço? Como hei-de eu proceder com aquele homem?» Bem, foi ter com ele um dia e disse-lhe assim:

— Ouve cá, ó senhor, se uma pessoa for pequena, não pode andar alguém com ela e brincarem e tornarem-se amigos?

O leão respondeu:

— Sim, se o pequeno tiver juízo [o pequeno e o grande], podem tornar-se amigos.

Disse assim [o coelho]:

— Bem, eu quero ser teu amigo, leão. Criemos laços de amizade: que tu, leão, queiras ser amigo do coelho.

O leão disse:

— Sim, aceito ser teu amigo, pequeno.

— Bem, mandou o coelho, ou melhor, disse:

— Mas tornemos esta amizade uma amizade de dormir. Quando fores a minha casa, dormirás com a minha mulher, mas que a minha mulher durma com o seu pano e tu com o teu. E quando eu vier a tua casa, que a tua mulher durma com o seu pano e eu com o meu. Ouviste, senhor?

[O leão] disse:

— Sim.

— Medi ndyanga nangu anako-
dyanga navika ku chowelo wako
kuka weka nalihinga. Na nangu
nikida kwiñande kwako, momo.

Ntumi ate doni.

— Ndikubalya.

— Undikubalya?

Kuchi do:

— Ee.

— Bai.

— Wida duvani kwetu?

Chingua kuchi do:

— Tunduvanga wako, ntumi,
wide kwiñande yangu nangu, ka-
mana imbodi ngutundvenge nangu
chingua.

Ntumi kuchi do:

— Ngulikwida liduva lya yuma
mochi.

Bai, yuma mochi, ntumi andita-
katuka, andyuka ku mwe chingula.
Chingula andimwakangila mbwadi-
we. Idao andikamula imbudi, andi-
chinda. Andimwaulila:

— Wako, mbwana, kona, uka-
kwenu, umalie imbadi yako kuma-
mena.

Ntumi kuchi do:

— Elo.

Ntumi kwikala, kulya mbudi;
kulya mbudi liduva pii. Ku kulala
ñande. Chingua kuhuma nalaa ñande
indji. Pano ntumi akalaa ñande

— [Continuou o coelho] A minha
mulher pode aquecer água para pôr
na casa de banho e tu tomarás banho
sòzinho. E quando eu vier a tua casa
o mesmo.

O leão disse assim:

— Aceito.

— Aceitas?

[O leão] disse:

— Sim.

— Pronto.

— Quando vens a minha casa?

O coelho disse assim:

— Começa tu, leão, a vir a minha
casa, porque fui eu, coelho, que tive
a iniciativa desta amizade.

O leão disse assim:

— Irei no sábado.

Bem, no sábado, o leão levan-
tou-se e foi a casa do coelho. O coe-
lho ficou muito contente com o
amigo. Em vista disso, apanhou uma
cabra e degolou-a. Disse:

— Tu, amigo, para poderes voltar
a tua casa, come a cabra até acabá-la.

O leão disse assim:

— Está bem.

O leão sentou-se, comeu a cabra:
comeu a cabra até o sol se pôr.
Foram dormir. O coelho saiu e foi
dormir noutra casa. Tendo o leão

mua, ntumi andilaa na inguo yake, idao na nae nkongwe yo andilaa na inguo yake. Medi ku choweo andyuka nalihinga vila weka, bila wakuntaa kunyuma medi mene kumwona. Andyuya, andilala. Andilaa iyuma. Andimalia imbudi yake. Kuchi do:

— Nangu neho imbudi ndimalia

— Kuchi do:

— Bai, mbwana.

Andihumya dyela chilingi kumi.

Kuchi do:

— Chalamu chake ndyao. Kachi do: «Nguve kwa mbwana, ku mwe chingua».

Kuchi do:

— Elo.

Iya, enda iya, kuchi doni:

— Wida duvani wako?

Kuchi do:

— Nangu naida liduva lya yuma.

Anditakatuka chingula liduva lya yuma, andyuka ku mwe ntumi. Ntumi andimwakangia mbwadiwe. Andikamu imbudi na nae andichinda.

Kuchi do:

— Kona wenda kwenu, umalie imbudi kumamena.

Chingua kuchi do:

— Elo.

Andikodya medi ndya ntumi navika ku chowelo. Chingua andyuka

dormido naquela casa, dormiu com o seu pano e a mulher do coelho com o pano dela. Foi tomar banho sozinho, sem ter quem lhe deitasse água nas costas. Voltou e deitou-se. Ficou uma semana. Acabou a cabra e disse assim:

— Eu acabei hoje a cabra.

Disse [o coelho]:

— Está bem, amigo.

Tirou dez xelins e disse:

— É uma lembrança para a tua mulher. Vai dizer-lhe assim: «Estive em casa do meu amigo, do meu amigo coelho».

Disse [o leão]:

— Está bem.

Indo, indo-se embora, disse assim:

— Quando vens tu?

— Disse assim [o coelho]:

— Irei na sexta-feira.

O coelho levantou-se na sexta-feira e foi a casa do senhor leão. O leão ficou muito contente com o seu amigo. Apanhou uma cabra e degolou-a. Disse assim:

— Para poderes voltar a tua casa, acaba de comer a cabra.

O coelho disse assim:

— Está bem.

A mulher do leão aqueceu água, foi pô-la na casa de banho. O coelho

nalihinga weka, bila wakuntaa medi kunyuma mene kumwona.

Palichwele liduva, andyuka ku kulala namu ndya ntumi. Ntumi andihuma nalala ku iñande kwa vanemba. Chingua lyo lwaindjidie elu, inguo yo kuhula, kulaa, kulaa chikundu dao. Ndya ntumi nae:

— Chacho ee, imbodi hai ni mwi-valee? Apa na nae ntumi vyachitenda ku mwe chingua vyovyoy, vyachitenda neo chingua kuno?

Na nae ndyagwe ntumi inguo kukungua, kulaa chikundu dao. Chingua kuchi do:

— Ee.

«Nipanichamba nangu apo. Ni pandondo, pa mpila».

Panao vinu vya kuchapicha uti, vinu vya vyanatandanga mwe ntumi. Chingua kulyanga uti ñande mula.

Bai, liduva hali kuchi do:

— Nangu imbodi yo ndimalia, nangu kuka kwetu.

Kuchi do:

— Elo. Kuka kwenu. Dyela chilingi ichilini, chalamo cha ndyao.

Apo ndya ntumi andimwaulia doni:

— We, ntumi, vyachitenda chin-

foi tomar banho sozinho, sem ter quem lhe deitasse água nas costas.

Ao anoitecer foi deitar-se com a mulher do leão. O leão saiu e foi dormir na casa dos rapazes. O coelho, logo que entrou, tirou o pano e deitou-se nu. A mulher do leão, essa, disse:

— Como é isto, então esta amizade é assim? São estas as coisas que o leão fazia em casa do coelho e que o coelho faz hoje aqui?

E também a mulher do leão tirou o pano e deitou-se nua. O coelho disse:

— Sim.

[E ficou pensando]: «Assim é que eu queria. Que bom, na brincadeira».

Depois fez tudo, todas as coisas que o leão costumava fazer. O coelho comeu tudo o que estava em casa.

— Bem, nesse dia disse assim [o coelho]:

— Já acabei a cabra, vou para minha casa.

Disse [o leão]:

— Está bem. Vai para tua casa. Tens aqui vinte xelins de presente para tua mulher.

Depois a mulher do leão falou-lhe assim:

— Ó leão, tu fazias em casa do

gua via wako uchinatenda vyovywo
kwiñande kwa mwe chingua kua?

Kuchi do:

— Vya nyamani? Atendie echi?

Kuchi do:

— Vayayu, machanduku uti andi-
bulukulanga ñande hamu. Nangu
aninguhulanga dinguo uti mo mwa-
wonea medi kwa tuchilihinga ako.

Ntumi andyaulia:

— Aa, nangu anguchitenda, dao,
apa ndyoko iya andingulava, nan-
tema ukoti neo.

Ndyagwe andinduma:

— Mene, ntumi, haumatende dao,
mana ila mbodi. Apa ukatenda doni,
vanamwakanga vanu lweko. Mu-
dyangidyé chana, mulipane, hiile.

Kuchi do:

— O, bai.

Andinduma ndyagwe.

Panao, aninchema chingua:

— We, chingua, ñande emu uten-
die echi?

Kuchi do:

— Aa, chinu chutagile ñande
mwa mbwadio haunaliwadyawadya.
Nangu uti vyombo ñande emu ndi-
chapicha uti.

— Undichapicha?

Kuchi do:

— Ee. Nangu ndyao ndimungu-
langu dinguo, kunguvika chana chiya
mwihu.

coelho as coisas que o coelho
fazia?

Disse assim [o leão]:

— Que coisas? Que fez ele?

Disse assim [a mulher]:

— Ora, abriu todas as malas aqui
em casa. A mim me tirou todos os
panos e estás a ver a água em que
tomámos banho.

O leão disse:

— Ah! Eu não fazia assim, aquele
garoto portou-se mal comigo, vou-lhe
hoje cortar o pescoço.

A mulher aconselhou-o:

— Não, leão, não faças assim,
porque aquilo é amizade. Se o fizeres,
as pessoas vão trocar de ti. Pergun-
tai bem, acertai as contas, acabe isto.

Disse assim:

— Pronto.

A mulher é que o aconselhou.

Depois chamou o coelho:

— Ouve cá, ó coelho, que fizeste
tu aqui em casa?

Disse assim:

— Ah! O que se faz em casa de
um amigo não se pode esconder. Eu
comi todas as coisas que havia aqui
em casa.

— Comeste?

Disse assim:

— Sim. Eu tirei os panos à tua
mulher e, na verdade, ela pôs-me as
coxas a jeito.

PROMOVIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

— Ee?

Kuchi do:

— Ee. Medi kunguhinga.

Kuchi do:

— Bai, lola unindimbanga nangu ni nañolo nangu ntumi. Ukenda kwenu, chimañande, dimbudi kumi, dyuti mwanu na imo ungulipe nangu, imbodi yetu ipagwe.

Kuchi do:

— U wida duvani ku kutwaa mali?

Kuchi do:

— Nangu ntondo, ndaida, ntondo.

(Kala vachema ntondo, hai ya yuma mochi ya maduvano hai).

Idao andilala. Yo ntondo anditakatuka na vadyoko vake. Kuchi do:

— Tuke tukatwae mali ku mwe chingua.

Chingua akenda ako, andikopa dimbudi kumi, anditwala dyuti mwanu na imo: kupita, watwaa vila. Vene vakamudya kuchi do:

— Ba, we chingua me vinu unatwalanga?

Kuchi do:

— Chacho, ngwe nalipa milando, mwe nanipa, nangu nakopa.

Isso é verdade?

— [O coelho] disse:

— Sim. E deu-me banho.

[O leão] disse:

— Ora tu portaste-te mal comigo, que sou o senhor leão. Indo para tua casa, trata da indemnização. Paga-me dez cabras e seis espingardas, para que a nossa amizade possa continuar.

[O coelho] disse assim:

— Tu quando vais buscar as coisas?

Disse assim:

— Irei depois de amanhã, depois de amanhã.

(Antigamente chamava-se *ntondo* o que hoje se chama *yuma mochi*).

Bem, deitou-se. No dia combinado, levantou-se com os seus rapazes e disse-lhes:

— Vamos buscar as coisas a casa do coelho.

Ao voltar para casa, o coelho pediu dez cabras emprestadas e tomou conta de seis espingardas: era só passar e levá-las (sem as pedir). Quando os donos lhe perguntavam, dizendo:

— O que é isso, ó coelho, porque vais tomando as coisas assim?

Respondia:

— Ora, ora, vou pagar um milando, eu vos pagarei, peço emprestado.

Kuchi do:

— Kukopa kwanao kukamudye mwene kukopa chani?

Kuchi do:

— Mene, ndikopa.

Andyuka ku ndia na dimbudi dyake; dyuti dyake kuvika koko, dimbudi koko. Ndukulugwe kummi-ka koko, na chilongo cha medi. Mwene andyuya.

Pakangavedie ñuku ñoto wapakala lila, lilaa kapakala uti, kupaka lila uti, lila, lilaa.

Kuchi do:

— Ndyangu, lola, nangu lina lyangu panao Ndalamani. Bai, paloka mbwana po, akangudya, aulia doni: Andie natwaa o mali akukulipa wako o. Panao uchinde iñuku hai, utaleke ugwali, umeye padyoko, uvike mu luwene. Panao, pauma mbwana pa chitaa po, paida ñande amu, ku kulya ugwali, na vadyoko vake, windjie wako, uchi do: «Ndinivalia nkoko umwe chingua, Ndalamani, kumupa ugwali, anachunga kaya ka mwe chingua aka». Panao ntwaa ugwali, unguyalee mo nchilongo hamu.

Nkongwe kuchi do:

— Elo. Idao.

Disse [a gente]:

— Qual é o pedir emprestado que não pergunta ao dono?

Disse assim:

— Não, peço emprestado.

Foi para o mato com as suas cabras; pôs aí mesmo as suas espingardas e as cabras também. E pôs aí um sobrinho e uma panela de água. E voltou [Fez tudo isto de noite].

Quando o galo cantou, logo se pintou com cal, todo com cal, todo com cal...

Disse assim:

— Olha, mulher, o meu nome agora é Ndalamani. Bem, quando o meu amigo vier e perguntar por mim, diz-lhe assim: «Foi buscar as coisas para te pagar». Depois degola esta galinha, cozinha a massa, tira um bocado e põe-no numa cabaça. Depois, saindo o meu amigo da *chitala* e vindo aqui a casa, a fim de comer a massa, com os seus rapazes, entra tu também e diz assim: «Esqueci-me do bicho do coelho, o Ndalamani, de dar-lhe massa, daquele que guarda a aldeia do coelho. Depois toma a massa e dá-ma aqui mesmo na panela.

A mulher disse assim:

— Sim. Está bem.

Kana kutima ntumi kwida:

— Apa hodi?

Vanemba iñuku yoo, vandichinda iñuku ila. Ntumi kwida pa nango apa.

— Mbwana andie kwachi?

— Andie natwaa mali akukulipa wako.

Kuchi do:

— Ee?

Kuchi do:

— Ee.

Andyuya nikaa po pa chitala apa.

Iñuku ila vandikalangila, vanditaleka ugwali. Andimeya padyoko, andivika mu luwene amu. Panao vayeny vo vaide ñande hamu. Vakaida vayeni vala, vandinavanga medi; ntumi andinava, vadyoko vake vandinava. Vandimeya, vandiyea nkanywa. Ntumi ameyie mwanda umo, ndya chingua anditakatuka:

— Wo, kunivalia nkoko mwenu, nona mwenu nkoko u mwe chingua, Ndalamani, anachunga kaya aka.

— Nkoko chani?

Kuchi do:

Pouco tempo depois o leão chegou:

— Dão-me licença?

Os rapazes mataram a galinha. O leão chegou junto da porta.

— Aonde foi o meu amigo?

— Foi buscar as coisas para te pagar [respondeu a mulher do coelho].

[O leão] disse assim:

— Isso é verdade?

[A mulher do coelho] disse assim:

— Sim.

[O leão] voltou novamente para a *chitala*.

Assaram uma galinha e cozinharam a massa. A mulher do coelho pegou num bocado e pôs numa cabaça. Depois chamou os hóspedes, que entrassem em casa. Quando os hóspedes chegaram, lavaram as mãos; o leão lavou-se, os pequenos lavaram-se. Tomaram um bocado e meteram na boca. O leão tomou só um bocado, a mulher do coelho levantou-se e disse:

— Oh! Esqueci-me do bicho, vejam lá, do bicho do coelho, o Ndalamani, aquele que guarda a aldeia.

— Que bicho é esse? [perguntou o leão].

Disse assim:

— Ndalamani.

Andilakota ugwali ula, andinodya Ndalamani, nkoko wa chingua: «Wali hau». Bai, chingua paumie nkati mua andidoña ugwali, kwindjia momu, momu nchilongo amu. Andihinikia, andyuka nikala pa nango.

Ntumi ugwali halie. «Aba, nkoko hayu nkoko chani?»

— We, mbwana, nkoko chani?

Kuchi do:

— Ndalamani. Wona kaya aka kakatumbuka, yoywa yo, apa akachuka ayo, kaya aka me kupagwa kutumbuka uti.

Ntumi: «Hii, nkoko andyalaa. Ngumeya gwali, ninyalee, ni no chana».

Aumie, ndukulugwe, kuchi do:

— Ndjomba, anakutilla; anakuyo-pa wako po.

Kuchi do:

— Mene, atenda kudoña kwene nangu kuntitikidya mo nchilongo.

Nuñune kuchi do:

— Mene, wako anakutia wako, mwahaula ndukulumunu mwihu.

Kuchi do:

— Mene wako.

Andimeya ugwali ula:

— O Ndalamani.

Pegou na massa e mostrou-a ao Ndalamani, o bicho do coelho, que estava dentro da panela: «Aqui está a massa». Bem, o coelho saiu, tomou a massa e tornou a entrar na panela. [A mulher] tapou-a e foi sentar-se fora.

O leão não comeu a massa. «Que espécie de bicho será este?» [Ficou a pensar] [e perguntou]:

— Mas, amiga, que animal é este?

— Disse assim:

— Ndalamani. É por causa dele que esta aldeia não é abandonada; é aquele mesmo [que viste]; basta que ele se vá embora para esta aldeia desaparecer.

O leão [pensou]: «Oh! Este bicho é bom. Vou tomar um pouco de massa, dou-lha e vê-lo-ei bem».

Falou, então, o sobrinho e disse:

— Vai-te fugir, tio; terá medo de ti.

Disse assim:

— Não, basta que ele tome a massa e metê-lo-ei logo na panela.

O irmão disse:

— Não, vai-te fugir. O que o teu sobrinho diz é verdade.

Disse assim:

— Tu não tens razão.

Tomou um pouco de massa:

PROMOVIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

— Ee, Ndalamani, nkoko wa mbwana, Ndalamani.

Andilodya, andilodya ugwali ula.

Chingua lwo lwaumile alu, anodie ku kanywa, vyo gwaya we kikitika.

Ntumi chilongo ainikidie pa nyuma. Kupita wankumba ndyagwe mu lukoma mua pa mwitu lya.

Ndya chingua mu lukoma amukulia panao: «Aya nangu chonde ayao, kaya ka ntwangu nangu kutumbuka, chonde vayao Ndalamani mwandoo, Ndalamani kukoo».

Kuchi namugwe kua mwali kua:

— Ama, chamei, walilia nyamani?

Kuchi do:

— Yo nkoko yo, anachunga kaya ka nnumbuo yo, vandimumia vayeni ñande amu, andyuka.

Ate do:

— Hii, kaya ka nnumbwangu nangu kutumbuka vayao, Ndalamani mwandoo. Kaya kutumbuka, nangu ngwika namu nyaniee?

Bai, panao andyudya anyoke chingua:

— Hama, hama mwenu na mwali hulilia nyamani na namu yo?

Kuchi do:

— Ó Ndalamani, animal do meu amigo, Ndalamani.

Mostrou, mostrou-lhe a massa.

Logo que o coelho saltou da panela, olhou-o na cara e saiu para fora.

O leão pôs em seguida a tampa. [O coelho] passou perto da mulher, na varanda, e [entrou] no mato.

A mulher do coelho chorava agora, na varanda: «Mãe, acode-me, mãe, a aldeia do meu marido fica abandonada, acode-me. O Ndalamani foi-se embora, o Ndalamani foi-se embora».

A sua cunhada disse:

— Então, cunhada, porque choras?

Disse assim:

— Os hóspedes mandaram sair daqui de casa o animal que guarda a aldeia do teu irmão, e foi-se embora.

Disse assim [a cunhada]:

— Ai, a aldeia de meu irmão vai ser abandonada, o Ndalamani foi-se embora. A aldeia vai ser abandonada; com quem ficarei eu?

Bem, depois perguntou a mãe do coelho:

— Então, então, vocês, tu, rapariga, porque é que choras com a tua cunhada?

Disse assim [a filha]:

— Wako mama, yo nkoko ana-chunga kaya ka mwanao yo, Ndalamani, vandimumia vayeni ñande amu, andyuka.

— Kaya ka mwanangu nangu ku tumbuka nangu, hii, kaya ka mwanangu kutumbukoo! Ngwikalia achi? Na nae Ndalamani andyuka.

Kuchi pa chitaa paa kudya:

— Ba, nyamani?

— Yo nkoko ananchunga mwenu yo, vanimumya vayeni ñande mua, andyuka.

Ave paa kuchi do: «Ngwe nataa iñande yangu moto. Ngwikalia achi? Na Ndalamani andyuka. Hii, hii, bai, achi kaya kutumbuka kaya ka ndjombo». Kulia uti, uti pwa pwa pwa. Vanadua diñande dia, vanataa moto pahi hapa; mayo vanahumanao ndiñande mua, vatumbulia pa nango paa, valeka vilongo chihi mo ndiñande mua.

Bai, chingua lwa andile naika kundia kwave ndukulugwe, kulihinganga medi, kulihinganga uti lila, lila, kulyuchanianga uti. Dyuti dila kulitika dia uti pa muti paa. Dimbudi dia ndukulugwe apita wauta, mwene apita wachapa kuka ku kaya.

Lwo lwaikie nkaya mua kuchi do:

— Baa, me ngwona diñande

— Ó mãe, os hóspedes fizeram sair de casa o Ndalamani, o bicho que guarda a aldeia do teu filho, e ele foi-se embora.

— A aldeia de meu filho vai ser abandonada, ai, a aldeia de meu filho vai ser abandonada! Que vou fazer? O Ndalamani foi-se embora.

Depois, da *chitala*, perguntaram:

— Que é isso?

— Os hóspedes mandaram sair de casa o bicho que vos guarda, foi-se embora.

Quem quer que estava, dizia: «Vou deitar fogo à minha casa. Que vai ser de mim? O Ndalamani foi-se embora. Ai, ai, a aldeia do nosso tio vai ficar abandonada». Todos choravam, todos gritavam. Tiravam o capim das casas e queimavam-no no chão; traziam cacos de panelas para fora de casa e quebravam-nos à porta, deixando as panelas inteiras dentro.

Bem, chegado o coelho ao mato onde estava o sobrinho, lavou-se, lavou-se de toda aquela cal, tirou-a toda. As espingardas levou-as à cabeça. E as cabras, o sobrinho puxava-as e o tio ia tocando nelas atrás, em direcção à aldeia.

Logo que chegou à povoação, disse assim:

— Oh! Porque vejo eu queimar

kutayanga moto, vilongo kutumbulanga, mmanu kwamanga? Me nimwona mbwana pa chitaa pala? Dachí?

Kuchi do:

— Yo nkoko wako yo anachunga kaya yo, Ndalamani yo, andimumia yo mbwadio hau, andyuka.

— Hii, mbwana woo, kaya kangu kutumbukoo. Apa, mbwana, yu nkongwe weka ya utumbulia kaya kangu ni muyo? Aa! Chapo, mbwana, dyuti dyuchamba, dyuti mwanu na imo hi adi? Dyuti mwana na imo, dimbudi kumi hi vyovi havi? Kandji neo wako ni muyo unumbulie kaya? Uwene dachi mbwana wako? Hii, bai. Bai, twaa vyombo vyako, uke kwenu, uninumbulia kaya ni muyo.

Ntumi andyaulia:

— We, mbwana, chikaa pahi po, nikudye chana.

— Ungudye chana wako? Ulembea kwamba achi wako?

Kuchi do:

— Ngwamba doni: wako yo dyuti hadi twaa umwene, dimbudi hadi utwaa umwe.

Kuchi do:

— Ukatenda amo, munavaila. Munavaia, ukatenda amo, munavaia.

todas as casas, quebrar as panelas e retirarem-se todos? Porque vejo eu o meu amigo na *chitala*? Que aconteceu?

Disseram assim:

— Aquele teu bicho que guardava a aldeia, o Ndalamani, fê-lo sair de casa este teu amigo e foi-se embora.

— Ai, amigo, a minha aldeia vai ser abandonada. Então, amigo, só por ter dormido com a tua mulher é que causas o abandono da minha aldeia? Ah! Então, amigo, as espingardas que exigias, as seis espingardas não são estas? As seis espingardas e as dez cabras não são estas? Mas hoje, tu, o meu companheiro, vens causar o abandono da minha aldeia? Como podes fazer isto, amigo? Mas basta. Basta, toma as tuas coisas e vai para tua casa, tu que provocaste o abandono da aldeia do teu companheiro.

O leão disse:

— Senta-te aqui, amigo, quero saber bem o que se passa.

— Para saberes bem de mim o que se passa? Que podes tu fazer?

— Disse assim:

— Quero fazer o seguinte: fica tu mesmo com estas espingardas e com as cabras.

Disse assim:

— Se fizeres assim, será bom. Será bom, se fizeres assim, será bom.

Imbodi yetu ipagwe yo ya kulala yoyo.

Kudoba ntumi uyite makono dao.

Dyuti dia kupita wavapanga vene vachivatwalangia vaa, dimbudi navataa ko ku chitundu kwatwete.

Ni imbodi idao: muyo undikanao, uduva hau twodana, kandji panao andyuka nannomba nkongwe wake wambone, wako panao umilangia mata, kuchi doni: «Nya, niku-pange mbodi; nya, nikupange mbodi». Bai, imbodi ya kulumbatana. Uwona ya twindjipa wetu tu Vamakonde kuno kupakana vakongwe. Imbodi ya kulumbatana ya pa chitanono.

Bai.

(Contado por Alicududa, velho da povoação do seu nome, regulado de Machangano).

Que a nossa amizade seja mesmo de dormir.

O leão voltou com as mãos vazias.

Foi entregar as espingardas aos donos e pôs as cabras no curral de onde as tinha tirado.

Esta amizade é a seguinte; ficaste com um companheiro muitos dias, andando sempre com ele, mas depois casou-se com uma mulher bonita; tu, então, cobiça-la e dizes-lhe: «Companheiro, quero que sejas meu amigo; companheiro, quero que sejas meu amigo». Bem, é uma amizade de interesse. É por isso que nós, Macondes, roubamos aqui as mulheres alheias. É a amizade de interesse de pessoas que não moram junto umas das outras.

Acabou.

II

COMENTÁRIO

Embora com menos frequência do que em outros tempos, praticam os Macondes um costume curioso: dois homens estabelecem entre si laços de íntima amizade e trocam as mulheres, cedendo cada um a sua ao amigo de cada vez que é por ele visitado. É o que se designa de *imbodi ya kulala*

PROMOVIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

ou amizade de dormir. E parece que o contrato assume duas modalidades: os pares espúrios dormem com pano e sem ele, o que quer dizer que, no primeiro caso, se não consuma o acto sexual.

É este o assunto principal do conto, explicitamente anunciado no princípio dele e ainda repetido no fim, como remate. E vêm juntamente reflexões sobre a origem do costume e seu valor moral. Já o título é bem esclarecedor: *imbodi ya kulumbatana*. *Kulumbatana* exprime, por si, um juízo crítico: acção de caçar, mas recíproca; eu caço a tua mulher e tu a minha. O escopo da amizade é esta cobiça, não resultando a troca da pureza de um affecto respeitável.

Mas a narrativa não tropeça nem se enleia em prédicas de moralista enfadonho...

O tema toma a forma literária mais em voga — a da história de animais. Os africanos preferem disfarçar um pouco os actos humanos, deixando-os executar pelos animais. A criação artística torna-se, porventura, mais difícil; sem falsear, de todo, o carácter destes, deve ajustar-se a acção ao comportamento humano. Há, porém, uma matéria tradicional rica. Na galeria dos animais, cada um com características bem definidas e concordantes com o que aos olhos dos homens parece ser o drama da sua existência, há sempre o modelo que convém a determinada situação.

Os protagonistas escolhidos foram o coelho e o leão: o fraco e o poderoso, o espertalhão e o tolo, o velhaco e o honesto. A comédia há-de desenrolar-se de acordo com a personalidade moral destas personagens. E não é fineza antever-lhe as coordenadas: o perverso e ladino do coelho enganará, fatalmente, o leão bondoso e confiante; e sem castigo.

É um motivo querido aos africanos este do triunfo dos pequenos sobre os grandes, ainda que à custa de trapaças, urdidas por uma inteligência falaciosa.

O comportamento do coelho está psicológicamente certo: procede com a manha e sabedoria que o êxito requer. Vem todo ele envolto em humildade e respeito, desnudando sua insignificância, como o que não acredita no sucesso da proposta. Cresce assim a importância do leão, que indirectamente lisonjeia. Estimula-lhe o amor próprio, põe-no na admiração de suas virtudes, empurra-o para a prática de seu heroísmo moral.

Propõe-lhe, primeiro, amizade desinteressada e, só depois de esta aceite, arrisca a de dormir. E, não vá o leão escandalizar-se, propõe uma restrição fundamental, que é base do seu logro: dormir um com a mulher do outro, mas conservando seus panos. E, para ganhar confiança, quer que seja o leão a iniciar as visitas, já que a iniciativa é sua — fica a razão da prioridade para desfazer qualquer remota desconfiança. E presenteia a mulher do amigo, para a ter mais do seu lado.

O leão vai bem, com a sua força, bonomia e confiança. E a mulher também se deixa enganar, mas não o trai.

Apanhado em vileza, o coelho tripudia, mais uma vez, sobre a boa fé do companheiro. Sabe que seu perdão só poderá vir se lhe criar um sentimento de culpa. São assim as pessoas bondosas e justas. E congemma a farsa do *Ndalamani*. É um episódio de fantasia, quase mítico, do género de outros muitos, vulgares nos contos. Todo o inverosímil se aceita para resolver a situação. O *Ndalamani* é o *Deus ex machina* do termo da história, que vai abrir o coração do leão a uma imerecida generosidade. Julgo-o até parte de outro conto aqui inserida. Esta mistura do real, ainda que dado através da prefiguração animalista, e do impossível é, para o nosso gosto, um recurso que inferioriza a narrativa. Apesar disso, a intervenção do *Ndalamani* dá origem a um movimentado e teatral coro de lamentações que quase o justifica. É prodigiosa a capacidade de dissimulação a que aí se assiste.

Este o valor literário essencial da fábula.

Falemos, agora, um pouco do costume que a originou e de outras informações que dá sobre a vida social maconde.

O uso de trocar as mulheres encontra-se em outros povos bantos. Praticam-no sobretudo os Hereros de Angola e do Sudoeste Africano e os Nhamacas e Humbes da referida província portuguesa, talvez por influência daqueles. Estermann cita alguns pormenores desta prática e um, que convém referir, pela proximidade em que está do assunto de que nos ocupamos: se um dos amigos, depois de entregue a mulher ao segundo, é repudiado pela deste, tem direito a indemnização, como se de adultério se tratasse (1). A paga

(1) *Etnografia do Sudoeste de Angola*, II, p. 99, e III, pp. 77-78.

PROMOVIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO

imposta ao coelho não se processa, evidentemente, nas mesmas circunstâncias, mas também neste ajuste se concedeu uma licença que parece deveria atenuar o volume do castigo. Estermann lembra que o que vale não são intenções, mas actos (1).

Conta-se que o costume existiu nos Hotentotes Namas do Sudoeste Africano (2). E fora de África nos Arundas do centro da Austrália e Esquimós do Pólo (3).

A usança, cuja explicação não é fácil de dar, tem, porventura, a propiciá-la a longa abstinência sexual que medeia entre um período de adiantada gravidez e o fim do segundo ano, após o nascimento de um filho.

Com o costume a que acabamos de aludir, outros concorrem subsidiariamente no texto:

- presenteia-se com comida o amigo que nos visita;
- é refeição habitual o pirão e galinha de churrasco;
- lavam-se as mãos (melhor, as pontas dos dedos) antes das refeições, que os hóspedes tomam dentro de casa, saindo dela o dono e toda a família;
- é falta de cortesia não comer tudo o que se oferece;
- a mulher ajuda o marido a lavar-se, deitando-lhe água nas costas;
- os homens de cada povoação reúnem-se num abrigo — a *chitala* —, onde conversam e tomam suas refeições;
- sob os impulsos da sensualidade é frequente raptarem mulheres alheias.

E na invenção do *Ndalamani* haverá alusão a um estado de insegurança social, provocado por guerras entre aldeias, havendo necessidade, por isso, de se guardarem e defenderem umas das outras. Este bicho *Ndalamani* garantiria a existência do povoado, mantendo em respeito os inimigos dele.

Não conheço variantes do conto em outras etnias africanas. E nem o tema figura no monumental inventário de motivos, de seis volumes, de Stith

(1) Idem, *ibidem*.

(2) I. Schapera, *The Khoisan Peoples of South Africa*. Londres, 1951, p. 253.
G. P. Murdock, *Nuestros Contemporaneos Primitivos*. México, 1945, pp. 406-407.

(3) Murdock, *ibidem*, pp. 48, 49, 187.

Thompson. Só aqui têm alguma relação com ele as histórias do anfitrião que oferece a mulher ao hóspede, como companheira de cama, recolhidas na Irlanda, País de Gales, Inglaterra e Islândia (1).

Não quero dizer com isto que a fábula seja de invenção maconde. Está por fazer a recolha exhaustiva dos espécimes da literatura oral em todo o Mundo, e especialmente em África. Em todo o caso, não era impossível, dadas as peculiaridades regionais dela, que o seu berço tenha sido o Planalto dos Macondes.

E porque não seu inventor o velho Alicududa, do regulado de Machangano, que a contou? A fama do seu estro corre lá por toda a parte. O meu intérprete maconde exclamava, assombrado: «Que grande *mentiroso!*», como quem queria dizer «Que extraordinário narrador e criador de *mentiras!*». Todas as suas narrativas têm a marca da sua forte personalidade. Em vez de um *ponto* no contar de um *conto*, porque não vários e até uma efabulação completa? A admitir esta hipótese, julgo, contudo, de excluir como de sua lavra a peripécia do bicho Ndalamani. Escrevi há pouco, e repito, que tal evento se me afigura um artifício buscado em outra fábula.

E aqui termina o comentário.

(1) *Motif-Index of Folk-Literature. Copenhagen, 1957, Vol. V, T. 281, p. 373.*